

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Fund. Mata Virgem
Data: 06/06/93 Pg.: 1 - Segundo Caderno
212

T Em entrevista exclusiva ao GLOBO, Sting ataca os políticos e nega desilusão com a causa indígena

Ormentos da vida selvagem

ANTÔNIO CARLOS MIGUEL
Enviado especial

CHARLOTTE, EUA — O tempo agora é de muita música. Sting parece cansado do mundo da política, que teve de conhecer mais do que gostaria, a partir de 1988, quando abraçou a luta dos índios do sul do Pará. Mas, apesar das dores de cabeça e das polêmicas, que incluíram um bate-boca com o cacique Raoni, ele declara-se orgulhoso com o trabalho da Fundação Rain Forest/Mata Virgem, que mapeou e está garantindo a demarcação das terras dos caiapós. Um trabalho que prosseguirá e poderá estender-se a outros países. Mas, no momento, e até o início de 1994, sua agenda está tomada pela excursão mundial do disco "Ten Summoner's tales".

Entrevistado pelo GLOBO durante a passagem da turnê pela cidade de Charlotte, no estado americano da Carolina do Norte, Sting fez questão de esclarecer todos as dúvidas recentes. Negou que tenha havido qualquer desvio do dinheiro arrecadado por sua fundação e falou das suas impressões sobre os políticos brasileiros. Um show aqui, no entanto, que é o que seus fãs brasileiros mais desejam, não está nos seus planos:

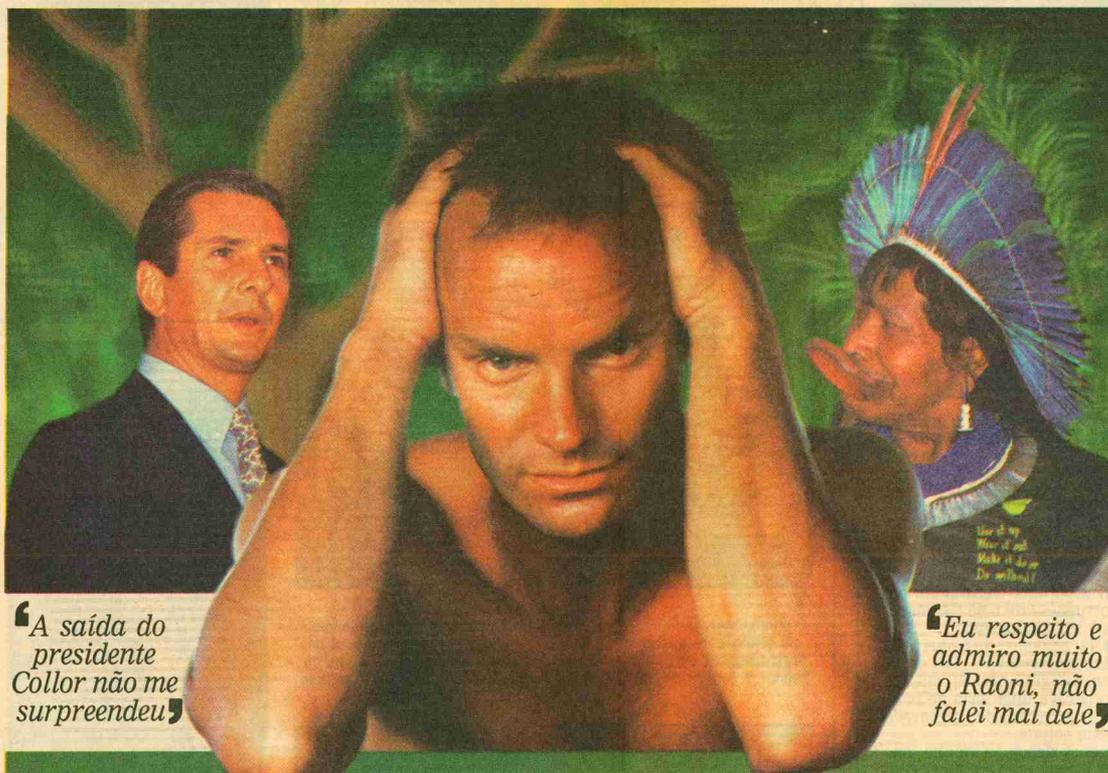
— A turnê só deverá chegar à América Latina no início do ano que vem, mas não sei se tocarei no Brasil — disse ele.

O GLOBO — Você admite uma autocrítica? Não houve no início um pouco de ingenuidade de sua parte, vendo o índio brasileiro como o bom selvagem?

STING — Não fui ingênuo, sempre soube das dificuldades e dos muitos interesses envolvidos, mas achava que a causa indígena merecia uma maior atenção do mundo. Seria muito mais fácil apenas falar, fazer algum show beneficente, mas preferi me envolver efetivamente na demarcação das terras dos caiapós. E começaria tudo de novo hoje, se fosse preciso.

O GLOBO — O trabalho na Fundação Rain Forest atrapa-lha sua música?

STING — É claro que atrapalha e que também me afasta da minha família. Quando comecei este trabalho, há cinco anos, nun-



“A saída do presidente Collor não me surpreendeu.”

“Eu respeito e admiro muito o Raoni, não falei mal dele.”

ca pensei que iria ser fácil. Sabia que seria difícil e doloroso, mas estou orgulhoso do que fiz.

O GLOBO — Mas o trabalho da Rain Forest não acabou ainda...

STING — Pela primeira vez foram utilizados fotos de satélites para a demarcação de terras indígenas. Toda a área dos caiapós já está mapeada, o dinheiro arrecadado está no Brasil e falta apenas uma decisão do governo brasileiro para a conclusão. Acredito que isto deverá acontecer em breve.

O GLOBO — Em cinco anos o Brasil está no seu terceiro presidente. Quais as suas impressões sobre os governantes brasileiros?

STING — Não gosto de políticos, não importa de que nacionalida-

de sejam. Mas, infelizmente dependendo do governo para a realização do trabalho da Fundação.

O GLOBO — Você esteve com o ex-presidente Fernando Collor? O impeachment foi uma surpresa?

STING — Não me surpreendi em nada, estava acompanhando o noticiário, sabia das acusações de corrupção. E meus encontros com os governantes brasileiros sempre se restringiram às questões da Fundação.

O GLOBO — E o que você acha do presidente Itamar Franco?

STING — Não acho nada, já disse que não me interesso por políticos. Espero que o governo realmente se empenhe na demarcação das terras. A nossa parte está feita. Mapeamos a área, arrecadamos o dinheiro e o

enviamos para o Brasil.

O GLOBO — Temos informações que este dinheiro teria sido desviado...

STING — Isto é um absurdo! Não desviei um único centavo!

O GLOBO — Não estou o acusando, mas existe a suspeita de que pessoas ligadas à Rain Forest no Brasil estariam se aproveitando do dinheiro.

STING — De forma alguma, está tudo lá, todo dinheiro arrecadado está sendo aplicado corretamente no trabalho de mapeamento e demarcação.

O GLOBO — A revista “Veja”, na edição de 28 de abril, publicou uma entrevista na qual você se declara desiludido com os caiapós e com o chefe Raoni...

STING — É uma grande mentira. Não dei aquela entrevista, não falei com nenhum repórter da “Veja”. Não houve briga com Raoni, o respeito e o admiro muito. É evidente que existem pessoas interessadas em intrigas, em me afastar dos caiapós. A demarcação das terras vai contra os interesses de grandes fazendeiros, madeireiras. E toda essa gente gostaria de me ver brigando com Raoni.

O GLOBO — Você está magoado com o Brasil?

STING — Entendo que a situação é complexa, não culpo o povo brasileiro. Mas, existem algumas pessoas no Brasil que eu teria prazer em matar (risos).

O GLOBO — Você poderia nomeá-las?

STING — Não, esqueça.

A volta ao rock longe dos órfãos do Police

CHARLOTTE, EUA — Depois da publicação no Brasil da reportagem na qual Sting e Raoni trocavam flechadas, o roqueiro e o cacique já fumaram o cachimbo da paz:

— Está tudo bem entre nós. Mais uma vez um repórter me enganou, ao afirmar que Sting falara mal de mim. Eu não sabia que Sting não tinha falado aquilo. Tudo está esclarecido, o importante é continuar o trabalho — disse Raoni.

Por seu lado, o secretário de redação da “Veja”, Júlio Cesar de Barros, informa que em nenhum momento a revista afirmou ter ouvido Sting, e sim repercutido declarações do cantor à revista americana “Esquire” e ao jornal espanhol “El País”.

Superados os mal-entendidos, Sting e o pessoal de sua gravadora parecem interessados em concentrar as baterias na carreira musical. Miles Copeland, o empresário que descobriu e apostou no grupo Police em 1977 — integrado por seu irmão, o baterista Stewart Copeland — conta que, até o final do ano, quatro filmes terão músicas de Sting:

— Para um deles, de Sylvester Stallone, Sting regravará “Demolition man”, lançada pelo Police — anuncia Copeland.

O diretor de Marketing da PolyGram Internacional, o londrino Mike Allen, também no show de Charlotte, é outro que aposta na força do novo disco. Mas Sting nega a tentativa de recuperar a sonoridade do Police:

— Não me preocupo com os órfãos do Police. O trabalho está feito e era eu quem compunha, cantava e fazia os arranjos. Não faço distinção entre o meu trabalho e o do grupo — diz.

E, ao contrário do que declarou à revista americana “Playboy” há cinco anos, hoje ele volta a admitir o rock:

— Não me interessa ficar preso a um único estilo, mas acompanho e gosto de alguma coisa do rock atual. O Nirvana, por exemplo, pode não parecer, mas tem músicas muito bem trabalhadas. Já do Suede só ouvi uma música, que me soou como uma invenção da imprensa inglesa, que adora criar novos mitos para destruí-los logo em seguida.